

## **OS TEXTOS VISUAIS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE IDEACIONAL DOS INFOGRÁFICOS DO LIVRO DIDÁTICO “EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS”<sup>1</sup>**

*THE VISUAL TEXTS IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY:  
AN IDEATIONAL ANALYSIS OF THE INFOGRAPHICS OF  
THE TEXTBOOK “GEOGRAPHICAL EXPEDITIONS”*

**Natália Lampert Batista<sup>2</sup>, Maurício Rizzati<sup>3</sup>,  
Elsbeth Léia Spode Becker<sup>4</sup> e Roberto Cassol<sup>5</sup>**

### **RESUMO**

Os textos visuais podem contribuir significativamente com o ensino de Geografia e com a compreensão do espaço geográfico. Assim, o presente ensaio tem por objetivo analisar os infográficos da abertura das oito unidades do livro didático “Expedições Geográficas”, no nível ideacional da Gramática do *Design Visual* (GDV). A proposta metodológica perpassou pela classificação e pela discussão dos textos visuais com base nas categorias propostas na Gramática Visual, de Kress e Van Leeuwen (2006). Concluiu-se que refletir sobre o uso de imagens no século XXI é essencial para a construção do pensamento crítico e para o entendimento das mensagens presentes nos textos visuais. As imagens ganham cada vez mais espaço nessa nova sociedade, globalizada e conectada, formada por uma geração que em pouco tempo de vida presenciou os maiores avanços na tecnologia e na comunicação eletrônica. Portanto, analisar e compreender as interfaces presentes nos infográficos do livro didático “Expedições Geográficas” permite ressaltar a importância deste gênero para o ensino de Geografia e para a compreensão do espaço geográfico.

**Palavras-chave:** gramática visual, multimodalidade, pensamento crítico.

### **ABSTRACT**

*The visual texts can contribute significantly with the Teaching of Geography and with an understanding of the geographic space. Thus, the present essay aims to analyze the infographics of the opening of the units of the textbook “Geographic Expeditions”, in the ideational level of Visual Design Grammar (GDV). The methodological proposal ran through a classification and discussion of visual texts based on the categories proposed in the Visual Grammar, by Kress and Van Leeuwen (2006). It was concluded that reflecting on the use of images in the 21st century is essential for the construction of critical thinking and for the understanding of messages present in visual texts. Images gain more and more space in this new, globalized and connected society, formed by a generation that in a short time of life experienced the greatest advances in technology and electronic communication. Thus, analyzing and understanding the didactic interfaces of the textbook “Geographic Expeditions” allows the emphasis of a dimension of this genre to the Teaching of Geography and the understanding of geographical space.*

**Keywords:** visual grammar, multimodality, critical thinking.

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na disciplina de Multimodalidade, multimídia e sociedade contemporânea.

<sup>2</sup> Aluna de Doutorado em Geografia - Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: natilbatista3@gmail.com

<sup>3</sup> Aluno de Mestrado em Geografia - Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: geo.mauricio.rizzatti@gmail.com

<sup>4</sup> Coordenadora. Professora Adjunta II - Centro Universitário Franciscano. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

<sup>5</sup> Orientador. Professor Titular - Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: rtcassol@gmail.com

## INTRODUÇÃO

No livro “A condição Pós-moderna”, David Harvey (1992) defende a tese de que, a partir de 1972, mudanças abissais aconteceram, transformando as maneiras de experimentar o tempo e o espaço. Assim, ocorre a ascensão de formas culturais pós-modernas, a emergência de modos mais flexíveis de acumulação do capital e se iniciou um novo ciclo de compressão espaço-tempo que introduziu significativas transformações (tecnológicas e nos modos de vida) na sociedade as quais afetaram a escola e a forma de entendimento/leitura do mundo empreendida pelos alunos do século XXI.

Nesse contexto, o pós-modernismo se caracteriza na evidência do “líquido” e do “fluído”, surge uma nova sociedade marcada pela contribuição das novas tecnologias, das mídias. Nessa sociedade, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das transformações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter” (GIDDENS, 1990, p. 37-38). Essa nova dinâmica planetária, evidenciada por Giddens (1990), reflete diretamente nas produções dos estudantes e, conseqüentemente, no ensino de Geografia na Educação Básica, uma vez que a imagem e as tecnologias passaram a fazer parte do cotidiano dos estudantes, porém, muitas vezes, não integram o dia a dia escolar.

Dessa maneira, como menciona Gomes (2013, p. 5), “atualmente é quase trivial dizer que vivemos na era das imagens”. Neste contexto, “passamos a interagir em uma gama mais ampla de práticas textuais (por exemplo, vídeos podem ser editados e postados na Internet, documentos podem ser enviados em intervalos de segundos ou compartilhados simultaneamente)” (NASCIMENTO; BEZERRA; HERBELE, 2011, p. 530) que produzem novas formas de ver a realidade e de compreensão do espaço geográfico, por meio da interação com essas novas mídias como os Sistemas de Informação Geográficos (SIGs) que permitem coletar, armazenar, recuperar, processar, analisar e sintetizar os dados, possibilitando uma representação capaz de revelar informações sobre lugares ao longo do tempo (MARTINELLI, 2009).

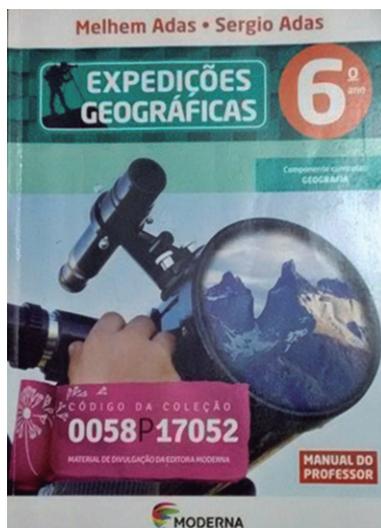
Da mesma maneira, o computador está cada vez mais inserido no cotidiano dos alunos, bem como os *smartphones* com acesso à internet, ligados ao uso de mapas e ao Sistema de Posicionamento Global (GPS). O *Facebook*® e o *Instagram*®, altamente utilizados pelos *nativos digitais*, estão intimamente associados à Geografia, as imagens e a novas formas de “ler o mundo”. Os *Check-ins*, que permitem publicar o local onde se está por meio do texto visual mapa, atrelam a comunicação e a localização espacial com as competências e as habilidades que necessitam serem desenvolvidas pelo ensino de Geografia.

Assim, apesar da presença cada vez mais intensa dos textos visuais na sociedade contemporânea, eles não são explorados adequadamente no ensino e, muitas vezes, não estão presentes no espaço escolar. Essa constatação é feita por Richter (2011) ao abordar os mapas no ensino de Geografia e também por Kress e Van Leeuwen (2006) quando destacam que

*In the early years of schooling, children are constantly encouraged to produce images, and to illustrate their written work. Teachers comment on these illustrations as much as they do on the written part of the text, though perhaps not quite in the same vein: unlike writing, illustrations are not 'corrected' nor subjected to detailed criticism [...] They are seen as self-expression, rather than as communication - as something which the children can do already, spontaneously, rather than as something they have to be taught. By the time children are beyond their first two years of secondary schooling, illustrations have largely disappeared from their own work. From here on, in a somewhat contradictory development, writing increases in importance and frequency and images become specialized. This is made more problematic by the facts of the present period, in which writing and image are in an increasingly unstable relation [...] In as much as images continued, they had become representations with a technical function, maps, diagrams or photographs illustrating a particular landform or estuary or settlement type in a geography textbook, for instance<sup>6</sup> (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 16).*

Todavia, em áreas como a Geografia, o texto visual desempenha um papel chave no entendimento dos conceitos e das categorias de análise desta ciência (a saber, espaço geográfico, paisagem, lugar, território e região). Partindo dessas premissas, o presente ensaio metodológico tem por objetivo analisar os infográficos<sup>7</sup> da abertura das oito unidades do livro didático “Expedições Geográficas” (Figura 1) no nível ideacional da Gramática do *Design Visual* (GDV).

**Figura 1** - Livro didático analisado.



Fonte: Adas e Adas (2015).

<sup>6</sup> [Nota de tradutor] Nos primeiros anos de escolaridade, as crianças são constantemente encorajadas a produzir imagens e a ilustrar o seu trabalho escrito. Os professores comentam essas ilustrações e também a parte escrita do texto, embora talvez não exatamente na mesma linha: ao contrário da escrita, as ilustrações não são “corrigidas” nem submetidas a críticas detalhadas [...] São vistas como auto expressão e não como comunicação, como algo que as crianças podem fazer espontaneamente e não como algo que têm de ser ensinadas. Quando as crianças avançam para além dos dois primeiros anos de escolaridade, as ilustrações desapareceram do trabalho. Deste ponto em diante, em desenvolvimento um tanto quanto contraditório, a importância da escrita aumenta e a frequência e as imagens se tornam especializadas. Isso se torna mais problemático devido aos fatos do período atual, nos quais a escrita e a imagem estão em uma relação cada vez mais instável [...] Na medida em que as imagens continuaram, tornaram-se representações com função técnica, mapas, diagramas ou fotografias ilustrando, por exemplo, uma forma de relevo ou um tipo de estuário ou de assentamento num livro de texto de geografia (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 16).

<sup>7</sup> De acordo com Silveira (2010, p. 60), citando Cairo (2008), citando Cairo (2010), “Um infográfico ou infografia é a uma representação diagramática de dados” ou ainda “Uma representação abstrata de uma realidade”.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A GDV discute a importância da imagem enquanto texto visual, portanto não se configura como um conjunto de normas para a produção de textos visuais, mas sim como uma descrição dos seus padrões de uso no Ocidente (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006). Os autores abordam os textos visuais a nível ideacional (imagens conceituais e narrativas com função representacional), interpessoal (relações entre participantes representados e interacionais) e textual (organização dos elementos no texto perante uma composição). Ressalta-se que no presente ensaio as análises se concentraram no nível ideacional.

Na dimensão de significados ideacionais se destacam as imagens Narrativas e Conceituais. Nas representações narrativas predominam características como:

- (a) presença de participantes (humanos ou não) envolvidos em um evento;
- (b) presença de vetores indicando ação ou reação (setas propriamente ditas ou vetores formados pela linha do olhar, braços, orientação corporal ou ainda instrumentos sugerindo movimento e/ou direção);
- (c) inserção dos participantes em um pano de fundo que indique as circunstâncias de tempo e espaço nas quais o evento se desenvolve (NASCIMENTO; BEZERRA; HERBELE, 2011, p. 534).

Sua caracterização mais específica depende da história contada pela imagem. Já as representações conceituais,

- [...] os participantes são captados durante o curso de uma ação ou acontecimento [...] o foco são os atributos e as identidades dos participantes. Algumas características específicas nos permitem identificar representações conceituais, quais sejam: (a) disposição dos participantes em taxonomias, ou seja, agrupamentos por categoria; (b) apresentação dos participantes em uma relação parte/todo; (c) ausência de vetores; (d) ausência ou menor detalhamento do pano de fundo, o que direciona o foco para os participantes e seus atributos (NASCIMENTO; BEZERRA; HERBELE, 2011, p. 534).

Essa abordagem frente aos textos visuais pode colaborar com o ensino de Geografia, aprofundando a leitura das imagens e a articulação dessa representação com o espaço geográfico. Segundo Tocantins, Ferreira e Pinho (2005, p. 72)

- Pensar a força da imagem a partir do espaço geográfico que abarca elementos do território, da paisagem e do lugar pela lógica de compreensão da criança em diálogo com seus pares e com adultos (escola e outras instâncias sociais) pode ser concebido como um desafio para o currículo de Geografia. [...] Nesse sentido, Oliveira Jr (2009, p. 19) acredita ser possível que a criança construa um pensamento sobre o que vê, uma vez que a imagem “nos faz mirar o mundo da maneira como ela o apresenta”.

Portanto, a imagem no ensino de Geografia pode ser o ponto de partida para a compreensão do espaço geográfico e para o entendimento das categorias de análise dessa ciência, colaborando, também, para a construção do pensamento crítico frente à realidade ou, como mencionam Castrogiovanni, Rossato e Luz (2007), para construir os instrumentos apropriados e necessários para fazer a leitura e a compreensão do mundo.

## MATERIAL E MÉTODOS

A proposta metodológica perpassou pela classificação e pela discussão dos textos visuais, com base nas categorias propostas na GDV, de Kress e Van Leeuwen (2006), do livro didático “Expedições Geográficas”. Para a realização da análise dos textos visuais com base na GDV, construiu-se um quadro descritivo das imagens referente ao nível ideacional, descrevendo e classificando as ocorrências de cada tipo de imagem identificada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão analisados, no nível ideacional, os infográficos de abertura das unidades do livros “Expedições Geográficas” (Figura 2), com base em Krees e Van Leeuwen (2006).

**Figura 2** - Infográficos do didático “Expedições Geográficas”: (A) Unidade 1; (B) Unidade 2; (C) Unidade 3; (D) Unidade 4; (E) Unidade 5; (F) Unidade 6; (G) Unidade 7; e (H) Unidade 8.





Fonte: Adas e Adas (2015).

No quadro 1 apresenta-se a análise dos textos visuais a nível ideacional, ou seja, descreve sobre o que são as imagens destacando o participante, o processo, a circunstância e estabelecendo se é uma imagem narrativa, conceitual ou mista.

**Quadro 1** - Análise dos os textos visuais a nível ideacional.

TEXTO VISUAL	PARTICIPANTE	PROCESSO	CIRCUNSTÂNCIA	NARRATIVA/ CONCEITUAL
<b>Unidade 1</b>	Paisagem.	O infográfico apresenta a paisagem em diferentes momentos de sua história.	A cena um apresenta a paisagem em seu estado natural. A cena dois evidencia a antropização do espaço ou da paisagem. Já a cena três, apresenta uma paisagem antrópica e completamente alterada quando comparada a cena um.	Podem ser consideradas conceitual-analítica porque apresentam a paisagem em diferentes contextos históricos, visando mostrar suas características, mas também destacando que “[...] a paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para acompanhar as transformações da sociedade” (SANTOS, 2002, p. 54), o que pode ser percebido pela sequência de leitura proposta ao leitor que acaba remetendo a uma narrativa.

<b>Unidade 2</b>	O astronauta e a Terra.	Observação do Planeta Terra pelo astronauta associada à oferta de informações sobre equipamentos tecnológicos utilizados para o mapeamento da superfície terrestre.	O contexto é uma nave espacial, no Sistema Solar, realizando o monitoramento do Planeta Terra. A circunstância também pode remeter ao empoderamento do leitor que, assim como o astronauta, tem “a Terra aos seus pés”.	O texto visual pode ser classificado como uma narrativa, pois apresenta a reação do astronauta (Reator) em relação à Terra (Ator). Contudo na margem direita há elementos conceituais uma vez que se esquematizam os equipamentos utilizados na Cartografia, no Sensoriamento Remoto e no Geoprocessamento para a observação do Planeta Terra.
<b>Unidade 3</b>	Planeta Terra.	O processo destacado é a evolução do Planeta Terra desde o <i>Big-Bang</i> até os dias atuais no formato “Linha do Tempo”.	Como circunstância, tem-se o Planeta em evolução com destaque as eras geológicas.	É mista porque se encontra entre o conceitual-analítico e o narrativo, uma vez que envolve a dimensão temporal, buscando destacar estágios sucessivos no Tempo Geológico. Assim, cada fase da evolução do Planeta é um Atributo ( <i>Attribute</i> ) ou característica e a Evolução do Planeta Terra é o Portador ( <i>Carrier</i> ).
<b>Unidade 4</b>	Modelos esquemáticos de processos endógenos da formação do relevo.	O processo em evidência é o funcionamento dos vulcões que geram as rochas que são a base para a formação do relevo e da Geomorfologia de um lugar (agentes internos ou endógenos do relevo).	Não há contexto visto que o que se destaca são os esquemas e não se faz referência a nenhum ponto de vulcanismo ou de tectônicos como, por exemplo, o Círculo de Fogo do Pacífico, que poderia estar contemplado no texto visual como elemento de elucidação do processo.	É conceitual, pois destaca parte de vulcões, de perfis de solo e de camadas de rochas, objetivando apenas mostrar diferentes características do processo que ocorre na natureza, mas sem narrar ou detalhar o acontecimento.
<b>Unidade 5</b>	Duas pessoas e a paisagem.	O processo em destaque é a observação da geomorfologia formada a milhões de anos por agentes externos de formação do relevo (intemperismo).	O contexto são as chapadas e chapadões (Chapada Diamantina) marcados pela atuação de intemperismo químico, físico e biológico (processos externos ou exógenos) em sua constituição.	O texto visual pode ser classificado como misto, uma que apresenta uma narrativa face a observação da paisagem (Ator) pelas pessoas (Reatores), bem como é conceitual ao evidenciar a formação (tipo de relevo) e suas características (formada pela atuação do vento que modela a rocha com feições típicas de paleoclimas e de rios primitivos que geram escarpas de recuo).

<b>Unidade 6</b>	Mapa do Brasil (e caixas destacando características regionais do país).	Como processos podem-se mencionar as festas e reuniões populares características de algumas regiões (mas que são apresentadas como informações complementares).	Aqui se destacam as características regionais do Brasil.	Pode ser classificada como mista, uma vez que é conceitual ao destacar elementos característicos de algumas regiões do Brasil (característica climática e vegetação) por meio de fotografias e esquemas. Já as caixas explicativas apresentam processos narrativos ao destacar festas e reuniões populares que ocorrem nas diferentes estações do ano no Brasil.
<b>Unidade 7</b>	Skatista.	O processo em evidência é a manobra de <i>skate</i> .	O contexto destacado se refere aos materiais presentes nos equipamentos do <i>skatista</i> , bem como a sua origem que é apresentada de forma textual e atrelada a temática da Unidade: extrativismo e pecuária.	É uma imagem mista, pois possui processos narrativos em paralelo aos processos conceituais, ou seja, é uma imagem complexa. Na interface narrativa, tem-se a manobra de <i>skate</i> e a reação do <i>skatista</i> a um elemento não observado pelo leitor o que é observado pela sua linha de olhar. Já a dimensão conceitual, refere-se aos elementos que compõem as roupas e equipamentos do <i>skatista</i> e aos textos explicativos de sua origem e forma de produção.
<b>Unidade 8</b>	Equipamentos tecnológicos.	O processo evidenciado é a evolução da tecnologia ao longo do tempo histórico.	Pode-se considerar como contexto dos participantes as datações inseridas na imagem.	É uma típica Linha do tempo, pois se utiliza da dimensão temporal para destacar a evolução de determinado Portador. No caso, tem-se com atributo/característica o equipamento tecnológico de cada período histórico e como Portador a Evolução da Tecnologia ao longo das Fases Pré-industriais e Industriais (1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> , 3 <sup>a</sup> e 4 <sup>a</sup> Revoluções Industriais).

Org.: Batista (2016).

Com base no quadro 1, percebe-se que os infográficos apresentam uma grande variedade de participantes, porém há alguns colocados em evidência em relação a outros<sup>8</sup>. Esse grande número de participantes faz com que processos conceituais e narrativos sejam simultaneamente encaixados nas imagens, fazendo com que 75% dos textos visuais sejam classificados como mistos. Os outros 25%

<sup>8</sup> Essa abordagem corresponde ao nível composicional que não está contemplado aqui, porém auxilia a compreensão da complexidade dos textos visuais discutidos.

são conceituais, o que se deve a natureza do recurso didático que visa à explicação de teorias gerais utilizadas na aplicação e na compreensão em estudos de caso geográfico.

Entender essa abordagem permite ao professor de Geografia visualizar os infográficos de abertura das unidades do livro didático com maior profundidade, possibilitando discutir com os alunos de forma mais consistente o que está representado e, conseqüentemente, ampliar o entendimento dos textos visuais e, em especial, do conteúdo geográfico ali exposto. Desta forma, a GDV possibilita um olhar mais consciente sobre o que está representado no livro didático abrindo uma gama de novas abordagens frente ao conteúdo geográfico.

Dessa maneira, as imagens ou textos visuais

[...] estão presentes abundantemente em todos os campos da via social, grandes parcelas da comunicação e da informação são veiculadas por elas. [...] Sensações, momentos, experiências, lugares, pessoas, parece que qualquer coisa para existir deve necessariamente ser fixada no suporte imagético [...] (GOMES, 2013, p. 5).

É cada vez mais evidente a necessidade de compreender as imagens, cada vez mais abundantes e diversas, no contexto da Geografia, e que buscam dar visibilidade a determinados aspectos da realidade formando informações reais, mas não necessariamente verdadeiras (GOMES, 2013). Essa argumentação proposta por Gomes (2013) vem de encontro às proposições de Krees e Van Leuween (2006) ao analisarem textos visuais na GDV e reforça a necessidade do professor de Geografia e do geógrafo pensar o importante papel das imagens no século XXI.

Assim, utilizar a GDV para interpretar os textos visuais presentes nos livros didáticos possibilita compreendê-los em sua essência e justificar coerentemente aos estudantes o porquê das entrelinhas expressas no texto visual e, muitas vezes, despercebidas por quem nunca estudou a temática. Dessa forma, a GDV aplicada na análise de materiais didáticos de Geografia torna-se uma ferramenta muito interessante para pensar o espaço geográfico, bem como um suporte de ensino e pesquisa para os professores da área.

Nesta perspectiva, é coerente afirmar que o livro didático “Expedições Geográficas” por meio dos infográficos evidencia imagens e fotografias como ferramentas educacionais criativas, que conscientizam de forma lúdica, para a aprendizagem da realidade socioambiental e a compreensão dos conteúdos de Geografia.

As possibilidades de utilização dos infográficos presentes nos livros didáticos e sua interpretação auxiliadas pela GDV vem cumprindo o papel de orientação para o desenvolvimento de novas técnicas pedagógicas. A Geografia, auxiliada pela arte de fotografar e as imagens como recurso científico, indica de que maneira se pode olhar a paisagem e levar o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula a fim de compreender melhor a sua realidade.

Assim, o uso correto e adequado dos infográficos em livros didáticos é ter em mãos um excelente instrumento de ensino que mostrará a realidade de diversos lugares sem a necessidade de deslocamento. Têm-se, portanto, “a possibilidade de conhecer inúmeros lugares do planeta sem a ne-

cessidade de deslocamento, quando este não é possível (SIMIELLI, 2006, p.36). E, nesse contexto, a GDV se estabelece para auxiliar os professores como uma base de preparação para atividades mais relevantes e instigantes para a análise de textos visuais e a compreensão das realidades locais, naturais e culturais dos diferentes espaços geográficos existentes no planeta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre o uso de imagens no século XXI é essencial à construção do pensamento crítico por meio da reflexão sistemática sobre a forma como o espaço e sua forma de organização é representado em materiais destinados ao ensino de Geografia, bem como para o entendimento das mensagens presentes nos textos visuais, uma vez que as imagens ganham cada vez mais espaço nessa nova sociedade, globalizada e conectada, formada pela geração que em pouco tempo de vida presenciou os maiores avanços na tecnologia e na comunicação eletrônica.

Assim, analisar e compreender, a nível ideacional, as interfaces presentes nos infográficos do livro didático “Expedições Geográficas” permite ressaltar a importância da GDV para o ensino de Geografia e para a compreensão do quê e do por que está representado nos livros textos da disciplina. Espera-se contribuir com os professores do Ensino Básico na tarefa de fazer a análise de livros didáticos de Geografia que utilizam a multimodalidade e, assim, verificar as contribuições dos significados ideacionais nas imagens utilizadas no livro.

Portanto, a GDV se estabelece como uma relevante ferramenta para a análise de textos visuais, possibilitando, por exemplo, compreender os infográficos do livro “Expedições Geográfica”, e instigando um novo olhar sobre os textos visuais, cada vez mais, presentes nos livros didáticos de Geografia e tão pouco explorados como uma fonte de análise da organização do espaço geográfico. Assim, pensa-se que a proposta utilizada neste ensaio pode abrir espaço para novas abordagens em outros materiais de ensino e que permite ressaltar a necessidade de discutir tal temática no ensino de Geografia.

## AGRADECIMENTO

Agradecemos a Professora Graciela Rabuske Hendges, do Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria, pelas sugestões que contribuíram significativamente para o entendimento da GDV e sua interpretação no livro didático de Geografia.

## REFERÊNCIAS

ADAS, M.; ADAS, S. **Expedições Geográficas**: 6º ano. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

CASTROGIOVANNI, A. C.; ROSSATO, M. S.; LUZ, R. R. S. **Ensino de Geografia**. Caminhos e Encantos. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1990.

GOMES, P.C. C. **O olhar do lugar: por uma Geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 17. ed. [Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves]. São Paulo: Loyola, 1992.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading Imagens: The Grammar of Visual Desing**. 2. ed. London: Taylor & Francis e-Library, 2006.

MARTINELLI, M. **Mapas, gráficos e redes**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

NASCIMENTO, R. G.; BEZERRA, F. A. S.; HERBELE, V. M. Multiletramentos: iniciação à análise de imagem. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 14, n. 2, p. 529-552, 2011.

RICHTER, D. **O mapa mental no ensino de geografia: concepções e propostas para o trabalho docente**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SILVEIRA, L. H. Y. **Modelo de caracterização de infográficos: uma proposta de análise e de aplicação jornalística**. 2010. 136f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Visual) - São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), 2010.

SIMIELLI, Maria Helena. O mapa Como Meio de Comunicação e Alfabetização Cartográfica. In: ALMEIDA, Rosângela Doim de (Org.). **Cartografia Escolar**. São Paulo: Contexto, 2006.

TOCANTINS, A. C. T.; FERREIRA, R. V. J.; PINHO, C. S. O trabalho com as múltiplas linguagens no ensino de geografia: letrando geograficamente. **Giramundo - Revista de Geografia do Colégio Pedro II**, v. 2, p. 69-78, 2015.

